

O IDEALISMO DE JEAN PIAGET

MARIA DA PENHA VILLALOBOS

Em trabalho anterior de minha autoria (*Didática e Epistemologia — Sobre a Didática de Hans Aebli e a epistemologia de Jean Piaget*), no qual trato, sobretudo, da epistemologia genética de Jean Piaget, procurei demonstrar que sua intenção de desenvolver uma epistemologia científica frustrou-se. Nesse trabalho, dediquei-me especialmente a uma análise dos resultados obtidos pelo psicólogo suíço e seus colaboradores no campo psico-genético. Estando convencida da impossibilidade de se construir uma epistemologia que fosse exclusivamente científica, procurei verificar qual seria a posição filosófica da qual Piaget acabaria inevitavelmente por se aproximar, quando surgissem problemas que se mostrassem irredutíveis a um tratamento científico.

Inicialmente, procurando manter a maior objetividade possível na análise que me dispunha a empreender, não levantei nenhuma hipótese acerca dessa possível posição filosófica. O estudo que fiz então voltou-se principalmente para os resultados obtidos no *Centro Internacional de Epistemologia Genética* e que estão publicados na série intitulada “Estudos de Epistemologia Genética”. Ao longo de minhas leituras desses trabalhos várias possibilidades se foram configurando. Tais alternativas eram, em seguida, descartadas, à medida em que Piaget apresentava sólidas razões para que não se atribuisse a sua teoria este ou aquele rótulo. Finalmente, porém, surgiu a hipótese de que sua posição se aproximava do idealismo. Tal possibilidade não foi mais afastada, tendo permanecido até o fim, constituindo minha conclusão final.

Gostaria agora, dentro dos limites de um trabalho como este, de apontar como é possível chegar a um resultado equivalente a partir de uma análise dos resultados obtidos por Piaget com o emprego do método histórico-crítico. Em outras palavras, como o caráter idealista de sua posição já pode ser percebido em sua hipótese do progresso circular das ciências.

Antes de mais nada, é preciso dizer que, para Piaget, a análise psico-genética deveria ser anterior à de caráter histórico-crítico. Esta anterioridade decorre dos próprios termos em que ele apresenta seu projeto.

Ao exhibir sua intenção de construir uma epistemologia científica, Piaget nos diz em que medida esta deverá separar-se das teorias filosóficas. A primeira distinção que ele estabelece decorre da extensão dos problemas levantados pelas duas formas de tratamento. Enquanto a filosofia pretende, de início, abranger a totalidade do real, englobando nesta

não apenas a realidade exterior mas também o espírito que conhece, a ciência procura sempre delimitar no campo da realidade total um objeto particular que se torna alvo de seus estudos.

Esta distinção aplicada ao campo da teoria do conhecimento produziu como resultado o fato de que as epistemologias filosóficas procuraram sempre responder à questão geral: o que é o conhecimento. A análise de Piaget, porém, que pretende ser científica, vai propor questões particulares bem delimitadas. Ele substitui a indagação ampla proposta pela filosofia por perguntas mais modestas tais como: o que são este ou aquele conhecimento? qual foi sua origem? como progrediram e se desenvolveram ao longo do tempo?

Para obter respostas a tais questões, Piaget propõe o emprego de dois métodos. O primeiro, que ele chama de histórico-crítico, estudará o desenvolvimento das noções usadas por uma ciência ao longo de sua história. Considerando porém que tal método voltar-se-á exclusivamente para o estudo destes conceitos tais como eles aparecem no corpo de uma ciência, seu emprego exclusivo seria insuficiente. As idéias só passam a integrar o domínio de uma ciência depois de atingir um alto grau de formalização e abstração. Há, portanto, toda uma história construída por seus estados anteriores que deve também ser levada em consideração. O método capaz de nos informar acerca das formas mais primitivas de tais noções é o método psico-genético. Este procurará traçar a origem bem como o desenvolvimento dos conceitos que posteriormente passam a integrar o campo da ciência. Tal estudo se fará a partir de indivíduos, de seu nascimento até a vida adulta.

Ora, nestes termos, é óbvia a anterioridade da análise psico-genética sobre a histórico-crítica. Isto não quer dizer, todavia, que possamos chegar a algum resultado antes de realizar a segunda fase da investigação. A necessidade do emprego dos dois métodos não decorre apenas do fato de cada qual voltar-se para uma investigação particular. Há outra razão para tanto, razão esta que é uma consequência da afirmação de Piaget acerca da natureza de uma realidade viva. Esta, nos diz ele, não se revela exclusivamente nem por seus estados iniciais nem pelos finais mas por seus processos de transformação e, portanto, só o emprego conjugado dos dois métodos nos permitirá desvendar a natureza do conhecimento; recompondo o processo de sua constituição progressiva.

Como vemos, os resultados obtidos pelos dois métodos de investigação são complementares e se interpenetram. Nada de espantoso, portanto, no fato da leitura dos trabalhos realizados segundo uma linha de pesquisa nos levar a uma conclusão análoga àquela que seria obtida a partir da leitura dos resultados logrados pela outra direção. O fato novo que acrediito ter obtido não foi também a simples obtenção de mais uma prova do idealismo da epistemologia piagetiana. A verificação do idealismo já presente na análise histórico-crítica tem, a meu ver, um significado muito mais amplo. Senão vejamos.

Não obstante a anterioridade explícita que, segundo Piaget, a análise psico-genética deveria ter sobre a histórico-crítica, na realidade as coisas

parecem não ter ocorrido nessa ordem. Ele publicou sua "Introduction à l'Épistémologie Génétique" em 1950, na qual expõe sua hipótese do círculo das ciências que examinaremos logo mais. Só em 1955, funda-se o *Centro Internacional de Epistemologia Genética* e se iniciam as pesquisas psico-genéticas. Neste Centro trabalham todos os anos especialistas em diversas áreas e pertencentes a várias correntes de pensamento. A leitura dos trabalhos ali realizados revela-nos que, de maneira geral, os resultados obtidos nos trabalhos de investigação não são postos em dúvida nem acarretam maiores discussões. Os problemas começam a surgir no momento em que se inicia a fase de interpretação de tais resultados. É então que vemos os vários especialistas traduzindo de formas diversas as conclusões e vemos também que tal variedade se dá sempre de acordo com as escolas a que pertencem os participantes da discussão. O próprio Piaget registrou tal fato e afirmou que isto, provavelmente, se devia a fatores de natureza emocional.

Ora, considerando-se que a pesquisa histórico-crítica realizada por Piaget antecedeu de fato, se não de direito, a análise psico-genética, podemos perguntar se seu idealismo, já implícito nesta primeira fase de sua epistemologia, não viria a constituir fator de natureza emocional suficientemente forte para pesar nas interpretações que ele e seus seguidores viriam a fazer das pesquisas posteriormente realizadas no Centro.

Passemos agora à análise histórico-crítica. Piaget tem clara consciência de que a concepção do progresso histórico do conhecimento científico como uma linha reta traz como consequência o problema da fundamentação da primeira ciência a se constituir. Pretendendo estabelecer uma nova ciência, ele não se permite proceder segundo os moldes filosóficos, isto é, axiomatizando certos princípios básicos que depois sirvam de apoio ao desenvolvimento posterior. Todavia, se abandonarmos a idéia segundo a qual o progresso das ciências se dá segundo uma linha reta para adotarmos uma concepção circular da evolução científica, teremos uma hipótese que nos permitirá resolver tal problema. Desta forma, para explicar a matemática, que do ponto de vista cronológico foi a primeira ciência a se constituir, devemos recorrer às leis do espírito humano, objeto de estudo da psicologia, que foi a última a aparecer. Por meio da observação do desenvolvimento mental do indivíduo, a psicologia mostrará como se formaram as noções básicas da matemática. A epistemologia genética defronta-se, assim, com uma linha circular ao acompanhar a história das ciências. A hipótese da circularidade consiste em supor que o progresso do pensamento científico orienta-se constantemente em duas direções simultâneas e complementares, derivadas do círculo fundamental sujeito-objeto.

Na matemática prevalece uma orientação idealista porque nela o trabalho do cientista consiste em absorver o real nos quadros do espírito. À medida que se dá o desenvolvimento científico, assistimos a um abandono progressivo da orientação idealista. A física surgirá da matemática, mas começará aqui a predominar um ponto de vista realista, já que, no

caso dessa ciência, o espírito se subordina à realidade. A física não lida exclusivamente com objetos ideais.

Este afastamento de uma orientação idealista vai progressivamente se acentuando. A física, à medida em que se vai afastando das questões mecânicas, penetra em um terreno onde a experiência é cada vez menos antecipada pela teoria. Esta característica se torna cada vez mais marcante até o momento em que começa o domínio da biologia. Assim sendo, podemos dizer que a física ocupa uma posição intermediária entre a matemática e a biologia. Com a primeira ela tem em comum o fato de ser ainda uma assimilação do real a esquemas operatórios, o que lhe permite deduções válidas. Com a segunda ela partilha o trato de realidades cuja complexidade crescente impede uma assimilação total aos quadros mentais do sujeito. O pensamento na física nunca é exclusivamente idealista, pois em nenhum momento ele se reduz inteiramente às coordenações gerais das ações, mas de suas fronteiras com a matemática até a da biologia vai apresentando as mais diferentes gamas, desde um idealismo quase total até o realismo. Em outras palavras, a realidade física tende a idealizar-se naqueles áreas em que a margem comum entre sujeito e objeto é maior, isto é, nas áreas próximas da matemática e se vai tornando cada vez menos idealizada à medida em que seu campo se aproxima da biologia.

Continuando a acompanhar a evolução dos tipos de operações mentais empregados na elaboração das diferentes ciências, Piaget aponta a existência de uma linha perfeitamente curva ligando a dedução matemática, caracterizada pelo idealismo, ao realismo vigente na biologia. O ponto intermediário desta linha é ocupado pela física, na qual se realizam ao mesmo tempo a dedução e a experiência.

Assim como a física ligava-se por um lado à matemática e por outro à biologia, esta também está sujeita a um duplo laime. De um lado, como vimos, ela se liga à física, mas do outro ela se prende à psicologia. Suas relações com a psicologia tornam-se claras quando lembramos que, não obstante seu caráter nitidamente realista, ela também coloca o problema do sujeito. Sem se interessar pelos aspectos conscientes deste e tratando-o exclusivamente como objeto, a biologia, contudo, não pode dispensar, na consideração de seu objeto, o aspecto histórico deste. Portanto, o biológico e o psicológico vão ter em comum o fato de se situarem diante de formas que evoluem segundo um processo histórico real.

A psicologia, que ocupa no círculo uma posição diametralmente oposta à da física, vai, como esta, oscilar entre o realismo da biologia e o idealismo da matemática. Concebida como uma ciência do comportamento, ela se aproxima da biologia quando interpreta as condutas do sujeito em função da estrutura de seu organismo e das relações deste com o meio. Por outro lado, a psicologia aproxima-se da orientação idealista que prevalece na matemática na medida que lhe cabe explicar também a própria formação das estruturas básicas do conhecimento.

A psicologia, em seus aspectos mais próximos da biologia, consiste principalmente em uma análise do sujeito e do mundo exterior tal como

este intervém nas trocas com aquele. Mas coube a ela também descobrir o papel da atividade do sujeito no conhecimento e, consequentemente, explicar o próprio conhecimento mais em função dessa atividade do que em função do mundo exterior. Portanto, ela se liga, concomitantemente, aos métodos e explicações próprios do realismo bem como a uma visão idealista da questão.

Com a psicologia (juntamente com a sociologia) completa-se o círculo das ciências. Tal círculo, todavia, não deve ser imaginado como fechado pois, neste caso, se estaria propondo uma epistemologia definitiva. Piaget não pretende também, e disto ele nos adverte reiteradas vezes, fazer qualquer previsão acerca do desenvolvimento futuro das ciências. Não estaríamos, porém, indo além do âmbito de suas próprias afirmações ao dizer que um novo ponto pode ser demarcado nesse círculo. Ele mesmo nos disse que estava fundando uma nova ciência. Deixou claro também que esta ciência, a epistemologia genética, não poderia se ter constituído antes do atual momento histórico quando afirmou que já Frederico Enriques teria traçado o programa de uma epistemologia genética. Tal programa, porém, não fora executado porque os conhecimentos de psicologia, na época, não estavam à altura da empreitada. Logo, o lugar da epistemologia no círculo das ciências só poderia estar situado entre aquele ocupado pela psicologia e outro próximo do ponto ocupado pela matemática, sem, entretanto, tocar neste último, porque o círculo não se fecha. Ora, tal ponto teria que estar ainda mais próximo da visão idealista predominante na matemática do que a face idealista da psicologia e, portanto, o tom dominante nessa epistemologia deveria necessariamente ser de matiz idealista. Acrescente-se a isto o fato de Piaget nos dizer, no capítulo referente ao desenvolvimento da física que, de maneira geral, quando as teorias se referem ao conjunto, à totalidade, as interpretações que surgem são de caráter bem mais idealista.

O objetivo final da epistemologia genética era o de poder responder à questão geral: o que é o conhecimento. Esta resposta só surgiria ao término das investigações e não no início como se propunham as epistemologias filosóficas. Nestes termos, creio que estou autorizada a concluir que a resposta geral que surgirá ao final do trabalho, se ele chegar a seu término, algum dia, será fatalmente de cunho idealista. Só que, a meu ver, tal resposta não aparecerá como resultado de um trabalho de caráter científico preciso e exato. Ela já estava presente desde o início do trabalho do epistemólogo científico Jean Piaget; ela influiu em todo o trabalho posterior, ela pesou significativamente no momento das opções que presidiram a interpretação dos resultados das pesquisas efetuadas.

Para concluir, gostaria apenas de dizer que a presença tão constante do idealismo na obra de Piaget me traz à lembrança a opinião de Ortega y Gasset: a filosofia europeia sempre foi idealista com exceção de Spinoza, que não era propriamente um europeu, e do materialismo, que não era propriamente uma filosofia.